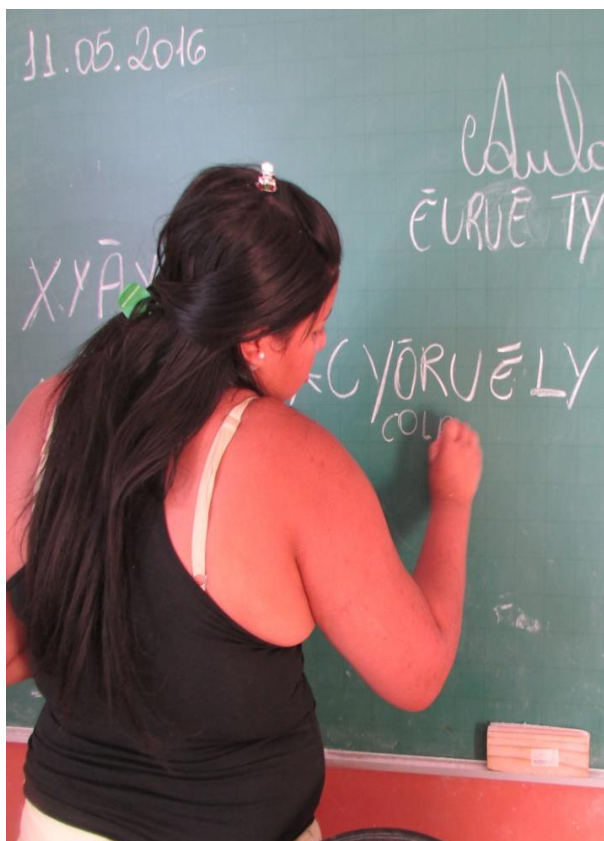


## RODA DE CONVERSA: IDENTIDADES E RESISTÊNCIAS INDÍGENAS: CURRÍCULOS, LEITURAS E ESCRITAS

Beatriz Sales da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo dar visibilidade ao Vídeo denominado Imagens Pensantes: Obra aberta, que integra a pesquisa de doutorado pela Faculdade de Educação, UNICAMP, realizada no período de 2013 a 2017, no contexto da E. E. Indígena Xucuru kariri; Caldas, MG. Cujo título é: Currículos e identidades: tiroteio narrado ao som do maracá. O vídeo foi apresentado na Roda de Conversa no dia 12 de julho de 2018, tendo as imagens narrativas desse grupo de professores e lideranças indígenas como disparador de múltiplas possibilidades de conhecer suas histórias de vida, experiências. Trazendo para o 21º COLE as suas línguas dissonantes que contribuem para repensar o “índio genérico”, estereótipos que povoam nosso imaginário. Nos permite escutar os indígenas que afirmam sua diferença a partir de imagens que lhes dão visibilidade, falam por eles mesmos. Cabe a nós a escuta.

**Palavras-chave:** Currículos; narrativas; identidades; imagens; Educação Escolar Indígena.



Professora de Cultura Iracaná Sátiro dos Santos Nascimento. Acervo da autora 2016

<sup>1</sup> Beatriz Sales da Silva – Faculdade de Educação Unicamp – Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas. Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais 2001, Doutora em Educação na área de Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP 2017), Mestre em Educação na área de Ensino e Práticas Culturais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2010), Pós graduada em Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006 e Pós Graduada em Adolescência e Relações de Gênero com ênfase em educação afetivo sexual pela Faculdade Newton Paiva, 2008.

*(...) algumas palavras que eles falavam, que a gente  
segurou, é essas palavras que a gente está fazendo  
nascer que é o tronco de antigamente.*  
Cacique José Sátiro do Nascimento (2010)

### **Algumas provocações**

*(...) não há mais registros documentais sobre esses  
índios, apenas depoimentos que se  
referem a essa época como a do mata-mata, dos  
rituais secretos, da identidade escondida, da língua  
silenciada... as paredes têm oídos e a mata tem  
ouvidos...*  
Carrara, Douglas, 2004.

Trago para este texto algumas ideias, inquietações sobre as “Línguas, Imagens” do Povo Xucuru Kariri, Caldas, MG, ao mesmo tempo em que aceito as provocações do 21º COLE, de “pensar as línguas dissonantes, línguas dos povos indígenas que fazem as palavras ressoarem na diferença”. São formas marcantes para a proposição da Roda de Conversa: Identidades e resistências indígenas: currículos, leituras e escritas, realizada no dia 12 de julho de 2018. Vi minha impossibilidade de fazer “a roda girar” sem recorrer ao Vídeo Imagens Pensantes: Obra aberta, ao que ele me diz ao que me leva a pensar, como uma flecha que ao ser arremessado dispara imagens, outras línguas que suscitam o pensar.

Pensamentos que me levam, século passado, mais precisamente ao dia 27 de setembro de 1976. É meu aniversário, naquele dia conversava com a avó de uma colega de classe, quarto ano primário do Grupo. Ela me cumprimenta e faz a intrigante pergunta: “Quantas primaveras?” Senti uma espécie de burrice não sabia o que aquilo queria dizer. Não entendia a metáfora não entendia aquela língua. Demorou muito até que aos poucos aquela pergunta foi sendo incorporada. Isso mesmo, meu corpo não reconhecia aquela língua. Aos dez anos não sabia responder à pergunta: “Quantas primaveras?”. Muitos anos depois outras primaveras vieram, outras línguas que não faziam parte do meu “universo”. “Uni” verso que desconhece os versos outras línguas, “ (...) a língua dos índios Guatós é múrmura: é como se ao dentro de suas palavras corresse um rio entre pedras. (...), mas é língua matinal (...) A língua dos Guaranis é gárrula: para eles é muito mais importante o rumor das palavras do que o sentido que elas tenham. Usam trinados até na dor. (BARROS, 2007).

O que essa passagem pode nos ajudar a pensar nas línguas dissonantes, línguas dos povos indígenas? Ao propor a Roda de Conversa para o 21º COLE a despeito de não haver a participação, (por motivos particulares) dos indígenas Xucuru Kariri, Caldas, MG permaneceu em mim a ideia de trazer as suas imagens e narrativas para que pudesse (re) pensar a imagem do “índio genérico”. Quando se toma a alteridade como ponto de partida entendemos que cabe aos próprios indígenas ocuparem o espaço da Universidade para fazer ressoar suas línguas dissonantes, como as “primaveras” que causam estranheza, expressam problemas e dificuldades individuais de serem entendidas. O que eles ensinam quando entoam seus cantos, nos fazem pensar ao dizer: “Subi lá no alto do tempo só para ver a fundura do mar (...)” Na impossibilidade de estarem presentes fisicamente, vieram marcaram presença virtualmente como sujeitos encarnados insistindo no esforço da difusão dos seus cantos, suas múltiplas línguas, identidades.

A presença deles, mesmo que virtualmente nos faz pensar sobre quem estamos falando, traz de volta ao debate essa dimensão tão esquecida de que os povos indígenas não estão presos a uma categoria genérica presos num passado morto. Como argumenta Bartolomeu Meliá (1999):

Existe uma caricatura do homem e da mulher indígenas que vem dos tempos coloniais e que diz “visto um índio, vistos todos”. Vocês, melhor do que eu, sabem que essa generalização é inteiramente gratuita e falsa. Para um observador não-indígena, para um bom antropólogo, por exemplo, a imagem do índio que fica é bem a contrária: que o indígena faz o que bem quer, com liberdade às vezes quase raiando em anarquia, pois cada índio é ele mesmo. A alteridade, afinal, é a liberdade de ser ele próprio. A pedagogia, parafraseando o músico Yehudi Menuhi, quando recebia o prêmio Príncipe de Astúrias, é educar para a liberdade e ela se dá “quando concedemos aos outros a liberdade de serem eles mesmos, de dar e ajudar”. El País. Madri, 27/10/1997. p. 2.

Meu interesse em apresentar o referido vídeo remete a estudos anteriores, 2010, visando conhecer qual era o entendimento que os indígenas Xucuru Kariri, Caldas, MG tinham a respeito da “escola diferenciada” entre outras indagações, nos levou a diferentes rumos tomados durante a pesquisa, dentre eles a língua.

Desde que o Povo Xucuru Kariri chegou a Caldas, MG em 2001, sabe-se que não são mais falantes da Língua Indígena. O que causa muita estranheza nos menos “(des) avisados”, que acreditam no índio imaginário, abstrato, genérico, falante de uma língua ancestral. O Português é a língua materna falada por todos na aldeia. Durante os rituais e as danças eles falam um linguajar que, segundo a antropóloga Juracilda Veiga, podemos chamar de língua ritual. (SILVAa 2010: p. 102)

Ainda que meu propósito seja dar visibilidade ao vídeo produzido no desenvolvimento da tese de doutorado denominada: Currículos e identidades: Tiroteio narrado ao som do maracá, realizada no contexto da E. E. Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã, entre 2013 a 2017, as relações que se estabelecem com os estudos anteriores podem provocar o desdobramento do chamamento do 21º COLE, quando traz uma aposta na escuta das línguas dissonantes.

Meu argumento é que a despeito do Povo Xucuru kariri, Caldas, MG ter como “língua materna o Português”, estarem num intenso processo de revitalização da língua ritual, considero assim que, o Português e a língua ritual falada por eles, são línguas dissonantes rompendo fronteiras. Considerando o ponto de vista de Maria Angélica Deangeli<sup>2</sup> e Derrida (1996) seu interlocutor:

Confusão de nomes (língua, idioma, dialeto) como em Babel, pois aqui também se confundem as fronteiras: mistura-se, embaralha-se, torna-se ofusco o que por si só, de “dentro” de si já, não permite mais uma distinção rigorosa, porque a própria distinção está suspensa. O próprio conceito de língua mostra-se dificilmente apreensível na perspectiva da desconstrução, porque a língua, como já explicitado, não é uma entidade acabada, finita, fechada em si mesma; ela sempre está por vir, como afirma Derrida: uma língua não existe. Presentemente. Nem a língua. Nem o idioma nem o dialeto. Esta é a razão pela qual nunca se poderão contar essas coisas e a razão pela qual se, num sentido

---

<sup>2</sup> DEANGELI, Maria Angélica. Le mono linguisme de l'autre, de Jacques Derrida: uma escritura idiomática da língua. p. 181. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/22755/20774> Acesso julho de 2018.

que explicitarei logo, nunca se tem senão uma língua, esse monolingüismo não faz um consigo mesmo (DERRIDA, 1996, p. 123).

Existem processos de reinvenção da língua originária apesar da predominância da Língua Portuguesa. A Língua falada por eles evidencia que, no contexto dos rituais, no contexto da escola, no contexto da aldeia é também uma prática importante, criadora, identitária, fruto de uma mobilização das lideranças que não perdem de vista que a língua é poder, é identidade, como afirma o saudoso Cacique José Sátiro do Nascimento:

*Os meus antepassados a língua, de tronco foi meu bisavô e minha bisavó e da minha avó passou para meu pai e minha mãe e da minha mãe passou para mim. Como eu tenho quatorze irmãos e desses irmãos eu fui o escolhido no nosso ritual, no nosso Ouricuri como cacique, e hoje estou com sessenta e três anos, gosto e amo as palavras dos meus antepassados que eram os donos do ritual, da tradição, do linguajar do povo Xucuru Kariri. Eu tenho como honra e tenho como honra mesmo meus antepassados porque eles falavam e só uma coisa não achei que eles não fizeram certo. Era ter transmitido de modo geral o linguajar Xucuru. Algumas palavras que eles falavam, que a gente seguiu, é essas palavras que a gente está fazendo nascer que é o tronco de antigamente. São eles os conhecedores do ritual, do linguajar e hoje, através deles, eu também zelo e conheço de perto o ponto de ritual de tradição do linguajar e estou passando para um filho, que é hoje professor de cultura e ele vai passar para todas as crianças e adultos dentro da aldeia, aqui no sul de Minas Gerais.*  
(SILVAa, 2010, p 62).

É importante considerar que esta narrativa foi tecida em 2010, e como foi destacado pela liderança indígena que o linguajar Xucuru Kariri não foi transmitido integralmente pelos seus ancestrais. Neste sentido o esforço que os indígenas fazem para revitalizar, recriar o linguajar implica também trazer para a roda as considerações de Albuquerque (2003):

Dessa perspectiva, Albuquerque (2003), afirma que o perigo de reduzir o conceito de diferença à questão de costumes cultura e língua, parte de outro conceito, o de identidade, baseado no ter/saber coisas específicas de uma etnia. Essa postura vem de discursos e gestos que promovem esse conceito de identidade e cultura fixa e automatizada. Entre as muitas ideias errôneas que circulam sobre os índios está a ideia de que quando os povos indígenas alteram alguns aspectos do seu modo de viver tornam-se “aculturados”, deixam de ser “autênticos”, e não podem mais reivindicar terras ou direitos relativos à condição de índios. Ao contrário, entendendo a cultura como sendo dinâmica e se transformando continuamente, podemos pensar que é assim também com as línguas: há povos que perderam as línguas no contato com os brancos e nem por isso deixam de ser índios. Para Albuquerque (2003), a identidade se constrói, é algo em movimento. A ideia de que se deve “resgatar/ revitalizar” as línguas e culturas indígenas não está só no discurso oficial (Constituição, MEC, LDB...), mas ainda no discurso de missionários, antropólogos, educadores, e na escola. (ALBUQUERQUE, 2003 apud SILVA a, 2010)

A temática das línguas dissonantes nos ajuda a chamar a atenção para o lado perverso da nossa dominação cultural como salienta os estudos de Guimarães (2001) Dessa forma a autora considera que:

Essas pessoas não se dão conta de que isso pode ser um aspecto da nossa dominação cultural, no sentido de que se aceita a identidade étnica se houver uma língua indígena; é uma renovação da dominação. Há uma angústia ligada à busca de recuperar essas línguas, e ninguém se preocupa em fornecer instrumental para o entendimento político dessa busca: que processo histórico aconteceu para que os povos indígenas deixem de falar sua língua. Parece que os povos optaram por deixar de falar suas línguas. Houve processos violentíssimos e os professores não estão tendo instrumental que os faça entender como se deu esse processo. (GUIMARÃES, 2001 *apud* SILVA, 2010, p. 93)

Movida por essas provocações é que trago as imagens narrativas do referido vídeo como um convite a abandonar essas crenças limitantes, violentas, que exigem dos múltiplos povos indígenas falarem uma língua universal, o que caracteriza o profundo desconhecimento que temos em relação a essas populações<sup>3</sup>.

Desta forma a intencionalidade da apresentação do vídeo *Imagens Pensantes: Obra aberta*, é um ato político. Dar visibilidade, escuta as histórias de vida narradas no “Linguajar” Xucuru Kariri, na Língua Portuguesa, nas línguas dissonantes não é qualquer coisa. Elas são múltiplas, destoam dos clichês, causam vertigem, nos tiram da zona de conforto. Afinal quem está falando? Quem é esse “índio” que ao falar rompe com minhas certezas cristalizadas, folclorizantes. Confunde as ideias, destoa do “índio” padrão. Vestido, falando português, entoando seus cantos, quem é ele que ressurgiu do “passado”, ocupa o espaço acadêmico. Nunca mais será aquilo que acreditávamos ser. Será que ele é? A identidade fixa é armadilha, alçapão, mas não dá conta da diferença, das suas multiplicidades que sempre escapam, como a fumaça do cealha que eles fumam.

As imagens, os cantos, as línguas, conferem a possibilidade de adentrar no cotidiano da referida escola indígena? Implica em formular questões sobre o espaço e tempo onde os professores atuam? Em que medida elas nos fazem pensar? Quais os sentidos que se movem?

Tantas perguntas, afinal às imagens “pensam e nos olham”. Não basta abrir-se a elas. Como sugere Samain:

Não é possível pensar a imagem se não a situarmos no sistema no qual ela está conectada: nosso cérebro, o contexto, a própria imagem, aquele que a fez, aquele que a contempla, num tempo e num espaço histórico e a-histórico. \_ A imagem toda imagem, participa, com efeito, de um tempo que não se pode confundir com o tempo da nossa história. Além de se dissolver, misteriosa, num passado anacrônico, ela se movimenta e reaparece transfigurada, na elipse de uma história humana. Quanto ao seu destino? Verdadeiramente, jamais o saberemos. (SAMAIN, 2012, p. 34)

<sup>3</sup> Segundo Mori (2001), calcula-se que à chegada dos portugueses eram faladas no atual território brasileiro 1.175 línguas, mas, nos 500 anos de contato das culturas indígenas com a sociedade nacional, 85% dessas línguas, ou seja, 1000 línguas desapareceram. No caso específico do Brasil, a língua portuguesa foi inicialmente imposta como oficial pelos portugueses. Quando o Brasil deixou de ser colônia de Portugal, essa imposição foi mantida pelo grupo de brasileiros que detinham o poder sócio-político. Para o autor, de fato, na era da globalização, é impossível pensar que o português não seja introduzido nas sociedades indígenas. O processo de contato do Português com as línguas indígenas iniciou-se com a chegada dos europeus, contato que vem se intensificando nos últimos anos, de tal modo que as crianças possuem o Português como língua materna. Reconhecer essa realidade não implica que se tenha que deixar de lado as línguas indígenas; pelo contrário, elas devem ser mantidas procurando sua codificação escrita e seu desenvolvimento intelectual mediante publicação de livros, gramáticas, dicionários, literatura indígena.

Com esse texto não tivemos a pretensão de aprofundar nem esgotar o assunto, mas dar uma pequena mostra de como a metodologia foi se constituindo através da pesquisa engendrando um método artesanal entre imagens e narrativas. Talvez o mais importante seja salientar o lugar ocupado pelas imagens nesta pesquisa, ainda mais quando acredito que elas ajudam a compreender as questões que me propus a pesquisar: currículos, identidades e narrativas no contexto da Escola Indígena Xucuru Kariri, Caldas, MG. ALVES, (2002) reitera que, por isso mesmo, as imagens podem ser entrelaçadas por histórias, narrativas que estão sempre presentes em nossos tantos cotidianos, em especial no momento em que uma imagem é mostrada e vista. Essas narrativas permitem entender melhor esses cotidianos.

Neste sentido, convidamos o leitor a assistir o vídeo, conhecer a referida tese ampliando as possibilidades de leitura do capítulo III AMARRAÇÕES, que constitui um espaço de validação das narrativas dos professores e lideranças Xucuru Kariri que alimentam o debate sobre os currículos e identidades em uma fecunda relação à teoria de Walter Benjamin, Ivor Goodson, entre outros. Que promovem às potencialidades da narrativa e à estética de escrita como mônadas, como nos orienta Petrucci Rosa (2014).

Deixo o texto aberto, trago a mônada tecida pela professora indígena Iracaná como passagem para o “Uni” verso das línguas dissonantes do Povo Xucuru Kariri.

“Primaveras” desconhecidas inaugurando um tempo de escuta. Ela expressa uma língua nascente diante do risco social de serem silenciadas. É interessante retomar as provocações do 21º COLE:

(...) fazemos o convite a um modo de resistir às pulsões homogeneizadoras e autoritárias do mundo com a afirmação das forças germinais ainda sem forma, da vontade de nascer, em nós e no mundo.

Foi ele que me concluiu!

*Eu tenho dezoito anos, estudei até o nono ano pretendo estudar até o final concluir tudo. Meu pai me ensinou a língua indígena, por isto sou professora, não querendo discriminar, mas na nossa cultura não tem série, não tem que ter série para ser formada. A nossa linguagem não importa ter o terceiro ano lá, foi o meu pai quem me ensinou. Foi ele que me concluiu desde pequenininha. A formação veio de Deus. (...)*

Iracaná Sátiro dos Santos Nascimento. (SILVA, 2017 p. 249)

## Referências

ALBUQUERQUE, Judite Gonçalves. “O sentido da diferença na pedagogia indígena: oportunidades amplas, tensões, formas limitadas de operar com a diferença”. In: VEIGA, Juracilda e D’Angelis, Wilmar Rocha (Org.). *Escola Indígena Étnica e Autonomia*. Campinas, SP: Associação de Leitura do Brasil; Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP, 2003.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Versão apresentada na 25 Reunião da ANPED, realizada em Caxambu, MG, 29 de setembro a 02 de outubro de 2002, como trabalho encomendado do GT Currículo. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt12-curriculo>>. Acesso em: julho de 2018.

BARROS, Manoel de. *Compêndio para uso dos pássaros* (Poesia reunida 1937-2004). Quasi Edições, 2007. Disponível em: <<http://ruadaspretas.blogspot.com/2010/05/manoel-de-barros-linguas.html>>. Acesso em: jul. 2018.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARRARA, Douglas. *Terra indígena Xukuru – Kariri*. Relatório Preliminar Circunstanciado de Identificação e Delimitação. Terra Indígena Xukuru –Kariri/ AL. Rio de Janeiro, Maricá, 2004, p. 7. Disponível em: <<http://www.bchicomendes.com/cesamep /relatorio.htm>>. Acesso em: maio de 2017.

DEANGELI, Maria Angélica. *Le mono linguisme de l'autre, de Jacques Derrida: uma escritura idiomática da língua*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/22755/20774>>. Acesso em: jul. 2018.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e futuro social. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35 maio/ago. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a05\\_v1235.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a05_v1235.pdf)>. Acesso em: ago. 2013.

GUIMARÃES, Susana Grillo. A formação do professor indígena hoje. In: VEIGA, Juracilda; SALANOVA, André (Org.). *Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto da escola*. Brasília: FUNAI/DEDOC Campinas: ALB, 2001.

MELIÁ, Bartolomeu. Educação indígena na escola. *Cadernos Cedes*, a. XIX, n. 49, dez. 99, p. 12. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n49/a02v1949.pdf>>. Acesso em: julho de 2018.

MORI, Angel Corbera. “A língua indígena na escola indígena: quando, para que e como?” In VEIGA, SALANOVA (Org.). *Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto da escola*. Brasília: FUNAI/DEDOC. Campinas: ALB, 2001.

PETRUCCI ROSA, Maria Inês. Mônadas benjaminianas como possibilidade metodológica. In: VI CONGRESSO DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA DA UERJ, 2014. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/.../materia/vi-congresso-internacional-de-pesquisa-autobiografica-vi-cip>>

SAMAIN, Etienne. (Org.). *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SILVAa, Beatriz Sales da. *Currículos e identidades: tiroteio narrado ao som do maracá*. Campinas, SP: [s.n.], 2017. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/330678>>. Acesso em: jul. 2018.

SILVAb, Beatriz Sales da. *Educação escolar indígena: Mas, o que é mesmo uma escola diferenciada? Trajetória, equívocos e possibilidades no contexto da E. E. Indígena Xukuru Kariri Warcanã, de Aruanã (Caldas, MG)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251341>>. Acesso em: jul. 2018.